A imortalidade da alma

Santo Agostinho

SANTO AGOSTINHO

A IMORTALIDADE DA ALMA

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

A imortalidade da alma

Santo Agostinho

*Este tratado faz sequência aos **Solilóquios**. Santo Agostinho nele prova a imortalidade da alma, através de uma série de raciocínios que ele mesmo chama de concisos e complicados.*

Tentamos o máximo de clareza possível, permitida por uma tradução fiel e rigorosa.

Introdução[1]

1

Após o livro **Solilóquios**, tendo retornado do campo a Milão, escrevi o livro **A imortalidade da alma**, que quis fazer como se fosse um memorial para terminar os **Solilóquios**, que havia deixado inacabado.

Não sei de que maneira, ele caiu nas mãos do público e acabou incluído dentre meus opúsculos.

Ele é muito obscuro por causa da complexidade e da brevidade de seus raciocínios, o que cansa o leitor e até mesmo a mim ele é de difícil compreensão.

---

[1] Das *Revisões*. Livro I, cap. V.

2

Além disso, tendo em vista somente as almas humanas, eu disse, em uma passagem deste livro: *O conhecimento não pode estar naquilo que não se educa*[2].

Eu acrescentei, em outro lugar: *A ciência não abarca nada que não diga respeito a algum gênero de conhecimento, já que o conhecimento se estende a tudo*[3]. Não me veio à mente que Deus não adquire nenhum conhecimento e que, no entanto, ele tem a ciência de todas as coisas e, nessa ciência, a presciência do futuro.

Igualmente errado é o que está também escrito ali: *a vida unida à razão só é encontrada na alma*[4]. De fato, a vida em Deus não existe sem a razão, já que nele está a vida soberana e a soberana razão.

Da mesma forma, o que eu disse antes: *o que compreende é sempre o mesmo*[5]. Nós compreendemos com a alma e ela não é sempre da mesma maneira.

Também, o que eu ali disse que a "alma não pode se separar da razão eterna por que elas não estão unidas fisicamente", certamente eu não teria dito, se já estivesse suficientemente instruído nos textos sagrados e tivesse me lembrado do que está escrito ali: *São vossos pecados*

---

[2] Cap. 1.
[3] Cap. 1.
[4] Cap. 5.
[5] Cap. 1.

que colocaram uma barreira entre vós e vosso Deus[6]. Isto nos dá a compreender que se pode aplicar a ideia de separação a coisas que não estavam unidas por laços, mais incorporeamente.

3

O que eu quis dizer com isto: Se a alma e*stá privada de um corpo, ela não está neste mundo*[7]? Eu não consigo me lembrar. Será que é por que as almas dos mortos não possuem corpos, ou não estão neste mundo? Como se o inferno não fosse deste mundo.

Mas, como eu considerava a privação de um corpo como um bem, provavelmente eu quis dizer, com a palavra corpo, os males corporais. Se for isto, eu utilizei uma expressão bastante inusitada.

Foi também com imprudência que eu disse: *A Essência Suprema concedeu, por meio da alma, a forma com que cada corpo é dotado. Então, o corpo sobrevive através da alma e mantém seu ser através daquilo mesmo que o anima; seja universalmente, como o mundo; seja particularmente, como todo animal no mundo*[8]. Tudo isso é muito imprudente.

Este livro começa assim: *Se o conhecimento existe em algum lugar*.

---

[6] Isaías 59: 2.
[7] Cap. 22.
[8] Cap. 24.

Capítulo 1

Se o conhecimento existe em algum lugar; se ele só pode existir em um ser vivo; se, além disso, ele existe sempre e é impossível ao sujeito onde uma coisa sempre está não existir sempre; o ser em que se encontra o conhecimento é um ser sempre vivo.

E, se somos nós que raciocinamos __ ou seja, é nossa alma __e sem o conhecimento ela não pode raciocinar com justeza; se, além disso, a alma educada não pode existir sem seu conhecimento; o conhecimento está na alma humana.

Ora, 1) *O conhecimento está em algum lugar*. Pois ele existe e é impossível que o que existe não esteja em algum lugar.

2) *O conhecimento só pode existir em um ser vivo*. Pois nada adquire conhecimento se não estiver vivo e o conhecimento não pode estar naquilo que não se educa.

3) *O conhecimento existe sempre*. Afinal, é necessário que o que é e o que é imutável exista sempre. Ora, ninguém nega que o conhecimento existe e quem diz que não é possível que uma linha que passa pelo centro do círculo não seja maior do que todas as outras que não passam pelo centro e que isso faz parte de alguma ciência, este não nega que a ciência ou o conhecimento sejam imutáveis.

4) *É impossível a qualquer coisa, em que uma coisa está para sempre, que ela não exista sempre*. Pois nada do que dura para sempre pode ser privado da coisa sem a qual ela não duraria para sempre.

5) *Quando nós raciocinamos, é nossa alma que raciocina*. Pois bem, nada pode raciocinar se não for dotado de compreensão. Ora, o corpo não compreende e nem ajuda a alma a compreender, pois, quando ela quer compreender, ela se separa, de alguma maneira, do corpo. E mais, o que compreende é sempre o mesmo. Ora, nada que é corpóreo é sempre o mesmo. O corpo não pode, portanto, ajudar a alma em seus esforços para compreender; basta que ele não a perturbe em sua atividade.

6) *Ninguém pode, sem conhecimento, raciocinar com precisão*. Com efeito, o raciocínio consiste em conduzir o pensamento do certo à descoberta do incerto. Ora, na alma só é incerto o que ela ignora e ela carrega com ela tudo o que ela sabe. A ciência não abarca nada que não diga respeito a algum gênero de conhecimento, já que o conhecimento se estende a tudo.

A alma humana vive, portanto, para sempre.

Capítulo 2

Seguramente a razão é a alma ou está na alma. Ora, a razão é o que há de melhor em nosso corpo e nosso corpo é uma substância. Se é

melhor ser uma substância do que não ser nada, nossa razão tem que ser algo.

Além do mais, qualquer que seja a harmonia do corpo, ela está necessária e inseparavelmente no corpo como em seu sujeito. Não se pode admitir nada nessa harmonia que não esteja necessária e inseparavelmente no corpo.

Ora, o corpo humano é mutável e a razão imutável. Pois bem, o que não existe sempre da mesma maneira é mutável. Mas é sempre igualmente verdadeiro que dois mais quatro são seis. É igualmente verdadeiro que dois mais dois são quatro; que dois não são quatro e consequentemente que dois não fazem quatro. Esta relação é imutável e é a própria razão. Ora, não é possível que, quando o sujeito muda, o que é inseparável dele não mude também. A alma não é, portanto, a harmonia do corpo. Logo, a morte não pode atingir as coisas imutáveis.

Assim, que seja vista como a razão ou como estando inseparável dela, a alma vive para sempre.

Capítulo 3

Deve-se reconhecer que tudo o que provoca o movimento não muda ao fazê-lo. Ora, a alma é uma substância viva que provoca no corpo os movimentos os mais diversos e, geralmente, com vistas a um

mesmo fim. Então, não é necessário concluir daí que ela mude e menos ainda que ela morra.

Há uma força de constância e toda constância é imutável. Ora, toda força pode produzir atos. Quando ela o produz, ela não deixa de ser uma força e como todo ato consiste em seguir ou em imprimir um movimento, disso resulta que não se pode chamar de mutável tudo o que segue este movimento, ou, pelo menos, tudo o que o imprime. Mas, tudo o que segue o movimento sem imprimi-lo, sendo alguma coisa de mortal e, além disso, nada do que é mortal não sendo imutável, podemos concluir, com certeza e sem distinção, que não há mudança em tudo o que move.

Ora, não há movimento sem substância e toda substância ou é viva ou é sem vida. Além disso, tudo o que é sem vida é inanimado e nenhuma ação pode vir de um ser inanimado. Então, tudo o que move sem mudar só pode ser uma substância viva e essa substância que move em nós o corpo em todos os níveis não é, necessariamente, mutável. Esse corpo só se move no tempo e, por isso, seus movimentos são mais ou menos rápidos. Há, portanto, nele, alguma coisa que imprime esse movimento temporal, sem, todavia, mudar.

Ora, o que move o corpo no tempo, em tudo só tendendo a um fim, está, no entanto, na impossibilidade de fazer todas as coisas ao mesmo tempo e não pode deixar de fazer várias delas. Com efeito,

qualquer que seja então o motor, o corpo não pode ser inteiramente um, já que ele pode ser divido em partes e não há corpo que não possa ser dividido em partes. O tempo também é composto por instantes e a sílaba mais breve não poderia ser pronunciada sem que se deixe de ouvir seu início, quando se ouve seu fim. Assim, para pronunciá-la, é preciso recorrer à espera, para terminá-la e à memória, para tudo unir, o quanto seja possível. À espera,para o futuro e à memória, para o passado, pois a atenção é para o presente e este presente transforma o futuro em passado e não permite esperar, sem a memória, o fim do ato começado.

E como esperar o fim de um movimento, quando não se lembra se ele começou e nem mesmo se ele existe? Por um lado, a intenção de terminar, que é uma coisa presente, não pode existir sem a espera do fim, que é uma coisa futura e essa intenção é distinta do que ainda não é e do que não é mais.

Assim então, pode haver em uma ação alguma coisa que olha o que ainda não é e, em um mesmo agente, várias coisas, embora ele não faça várias delas ao mesmo tempo. Pode-se também ver várias coisas em um mesmo motor, embora elas não possam estar no móvel. Mas, o que não pode existir no mesmo tempo é, necessariamente, móvel, quando o futuro se torna passado.

Capítulo 4

Daí concluímos também que pode existir algum motor que move o que é mutável sem mudar a si mesmo. Quem poderia duvidar disso, quando não muda a intenção que tem o motor de conduzir ao fim que ele tem em vista, o corpo que ele coloca em movimento; quando esse corpo sobre o qual age o movimento muda, pelo contrário, a cada instante; quando, enfim, a intenção de levar ao fim, que é manifestamente imutável, dá, ao mesmo tempo, o primeiro impulso e aos membros do trabalhador e à madeira ou à pedra que ele trabalha? Por consequência, se uma mudança qualquer acontece no corpo sob a ação da alma, mesmo que a alma proponha essa mudança, não se pode concluir que a alma mude necessariamente e nem que ela morra, pois ela pode unir a essa intenção e a lembrança do passado e a espera do futuro, o que supõe que ela viva, sem nenhuma dúvida. É verdade que não pode haver morte sem mudança e nem mudança sem movimento, mas, não se segue que toda mudança causa a morte e nem que todo movimento opera uma mudança.

Não se diz que nosso próprio corpo, que se move quase sempre a cada ação e que ele muda pelo menos com a idade, sem que, no entanto, ele esteja ainda morto, ou seja, sem vida? Por que não se poderia também dizer que alma não morre, por qualquer mudança que lhe faz talvez experimentar o movimento?

Capítulo 5

Se subsiste na alma alguma coisa de imutável e que supõe a vida, é também uma necessidade que a alma seja imortal. Estas proposições estão tão encadeadas que a primeira não pode ser verdadeira sem a segunda.

Ora, a primeira é verdadeira, pois, para não falar de outra coisa, quem ousaria afirmar que a relação dos números não é imutável; ou que toda arte não é fundamentada nessa relação; ou que a arte não existe no artista, quando este não a exerce; ou que existe em outro lugar fora da alma; ou que ela possa ser encontrada em um ser privado de vida; ou que o que é imutável possa deixar de sê-lo; ou que a arte seja diferente da razão?

Embora se defina a arte como um conjunto de um grande número de razões, no entanto, é fácil compreender e se pode dizer muito justamente, que uma arte é também uma única razão. Mas, que uma ou outra destas proposições seja verdadeira, não se segue menos que a arte ou a ciência sejam imutáveis.

Por um lado, é evidente que, não apenas a arte existe na alma do artista, mas que ela só pode existir na alma do artista e que não se pode separá-las. Com efeito, se a arte pudesse ser separada da alma, ou ela estaria em um lugar fora da alma ou não ela existiria em lugar algum ou ela passaria de uma alma para outra alma.

Mas, 1) da mesma forma como a arte só pode existir em um ser animado, assim também a vida unida à razão só é encontrada na alma; 2) o que existe deve estar em algum lugar e o que é imutável não pode deixar de sê-lo; 3) se a alma passasse de uma alma para outra, abandonando esta para ir morar naquela, seguir-se-ia que ninguém pode ensinar uma arte sem perder seu conhecimento ou que, pelo menos, ninguém pode se instruir sem que aquele que ensina esqueça ou morra. Se estas consequências são tão absurdas quanto falsas, como é certo, a alma humana é imortal.

Capítulo 6

E mesmo que a arte estivesse tanto na alma quanto fora dela, o que acontece __ como todo mundo sabe muito bem __ por esquecimento ou por ignorância, este argumento não afetaria em nada a imortalidade. Pode-se derrubá-lo da seguinte maneira: ou não há nada na alma que não esteja atualmente presente no pensamento ou a arte da música não está no músico quando ele se ocupa somente com a geometria. Esta última proposição é falsa, portanto, a outra é verdadeira.

A alma só sente que possui um conhecimento, quando esse conhecimento é objeto do pensamento atual. Pode então haver alguma coisa na alma, embora a alma não o sinta intimamente e pouco importa saber o quanto a coisa dure. Se a mente está ocupada muito tempo com

outras ideias e não pode voltar facilmente sua atenção para seus conhecimentos anteriores, isto é o que se chama de esquecimento ou ignorância. Mas quando, pensando conosco mesmos ou quando, bem interrogados por outra pessoa sobre algumas belas artes, nós descobrimos algumas verdades, nós só as encontramos em nossas almas. Ora, encontrar não é fazer ou gerar. Senão a alma criaria e geraria verdades eternas, descobrindo-as no tempo. Geralmente, com efeito, ela descobre verdades eternas. O que há de mais eterno do que as relações do círculo ou outras verdades do mesmo gênero? Podemos compreender que elas não tenham sido sempre assim e não devem ser sempre assim? É, portanto, evidente que a alma humana é imortal e que ela conserva em seu seio profundo as verdadeiras relações entre as coisas. Embora pareça __ seja por ignorância, seja por esquecimento __ que ela não as possua ou as tenha perdido.

Capítulo 7

Examinemos agora até que ponto se pode admitir uma mudança na alma.

Se a alma é o sujeito da alma e se o sujeito não pode experimentar uma mudança sem que o que está nele seja exposto à mesma mutabilidade, como poderemos conciliar essa mutabilidade da arte e da ciência com a mutabilidade da alma onde essas coisas existem?

Mas, que mudança maior pode existir do que passar de um contrário ao outro? E quem poderia negar, sem falar de outras mudanças, que a alma é tanto sábia quanto louca? Vejamos então primeiro de que maneira é preciso admitir o que se chama de mudança na alma.

Ora, eu creio que as mudanças mais marcantes e mais conhecidas de nós se relacionam a dois gêneros, onde se pode descobrir várias espécies. Com efeito, diz-se que a alma experimenta alguma mudança segundo as impressões do corpo ou segundo as suas próprias. Segundo as impressões do corpo, por causa da idade, das doenças, as dores, os ferimentos, os trabalhos ou as volúpias. Segundo as suas próprias, pelo desejo, pela alegria, pelo medo, a tristeza, a dedicação e o estudo.

Capítulo 8

Se todas essas mudanças não são uma prova necessária de que a alma esteja sujeita à morte, elas não são de se temer por elas mesmas. Mas, é preciso ver se elas não contrariam o princípio que nós colocamos, a saber, que no sujeito cambiante, tudo o que está nele deve mudar necessariamente.

Ora, não há aqui uma contradição, pois a questão aqui é da mudança que afeta a própria essência do sujeito e lhe faz perder seu atributo.

Com efeito, se a cera passa da cor branca para a cor negra, nem por isso ela deixa de ser cera. Se nela a forma redonda sucede a forma quadrada, se de mole ela se torna dura, se de quente ela se torna fria, todos estes acidentes que acontecem no sujeito não fazem com que ele deixe de ser cera. Pode então acontecer qualquer mudança nos acidentes do sujeito que este não experimenta nenhuma mudança em sua essência e em seu atributo.

Mas pode acontecer de as propriedades do sujeito experimentarem uma mudança muito maior e o próprio sujeito não poder dali por diante ser designado pelo mesmo atributo. Desta forma, a cera se evapora pelos ares sob a ação ardente do fogo e ela sofre então uma mudança tal que o próprio sujeito experimentou uma modificação essencial e a cera deixa de ser cera. Neste caso, não se pode supor que o que fazia a natureza do sujeito ainda possa subsistir.

Capítulo 9

Se então, a alma é, como dissemos acima, o sujeito no qual reside inseparavelmente a razão e isso por que a razão está necessariamente no sujeito, se a alma só pode estar em um ser vivo e se a razão, imortal por sua própria natureza, só pode também estar em um ser vivo, a alma é imortal.

Com efeito, essa razão imortal não poderia absolutamente subsistir se o sujeito no qual ela reside deixasse de existir. O que aconteceria se o sujeito experimentasse uma mudança tal que ele deixasse de ser uma alma, ou seja, se ele fosse aniquilado. Mas nenhuma das mudanças que se operam, seja no corpo, seja na alma __ embora se trate fortemente da questão de saber se há algumas em que ela seja realmente a causa __ fazem com que a alma deixe de ser uma alma. Assim, essas mudanças não são de se temer, nem por elas mesmas e nem para nossa razão.

Capítulo 10

É preciso então, eu creio, empregar todas as forças do intelecto para estabelecer bem o que é a razão e mostrar as diferentes definições que se pode dar a ela. Isso nos ajudará a demonstrar a imortalidade da alma, com todas as provas em que ela pode se apoiar.

A razão é o olhar da alma, através do qual, por ela mesma e não através do corpo, ela considera a verdade. Ou então, ela é a própria contemplação da verdade, mas não através do corpo. Ou então ainda, ela é a própria verdade que ela contempla.

Ninguém duvida de que, entendida da primeira maneira, a razão não esteja na alma. Quanto à segunda e à terceira definições, podemos examinar, mas, evidentemente, a segunda não pode também existir sem a alma e, quanto à terceira, é uma grande questão saber se essa verdade

que a alma percebe sem a ajuda do corpo existe por ela mesma e não na alma ou se ela pode existir sem a alma.

Mas, seja como for, é certo que a alma não poderia por ela mesma contemplar a verdade, se ela não tivesse alguma ligação com ela. Pois tudo o que contemplamos ou consideramos através do pensamento, nós o percebemos através dos sentidos ou através do intelecto. Ora, os objetos que percebemos através dos sentidos, nós sentimos que estão fora de nós. Eles estão contidos em lugares e geralmente não se pode tocá-los. Por outro lado, as coisas que compreendemos, a alma que as percebe não as percebe como colocadas fora de seu próprio intelecto e nós não as vemos também como contidas em lugares.

Capítulo 11

Assim, essa união entre a mente que percebe e o verdadeiro que é percebido existe, necessariamente, em uma das três maneiras seguintes: 1) ou bem a alma é o sujeito e a verdade reside no sujeito; 2) ou, pelo contrário, a verdade é o sujeito e é a alma que está no sujeito; 3) ou, por fim, a alma e a verdade são ambas substâncias.

Se admitirmos a primeira destas alternativas, a alma é imortal como a razão, já que estabelecemos acima que esta última só pode residir em um sujeito vivo. Na segunda acontece a mesma necessidade, pois se esta verdade que se chama razão não tem nada de mutável, co-

mo é evidente, o que existe nela como um sujeito, não pode ser exposto a nenhuma mudança. Toda a controvérsia se limita então à terceira alternativa.

Com efeito, se a alma é uma substância e se a razão a qual ela está unida também é uma substância, não é absurdo pensar que, sobrevivendo a razão, a alma deixe de existir. Mas, é evidente que a alma não pode deixar de existir e nem de viver, enquanto ela não estiver separada da razão e permanecer unida a ela.

Ora, qual é a força que poderia separá-la da razão? Seria a força corporal, cujo poder é inferior ao seu, sua origem é inferior e sua natureza bem diferente? De forma alguma. Seria a força de outra alma? Como ela conseguiria isso? Seria por que uma alma mais poderosa só é capaz de contemplar a razão se afastar a outra inferior dessa contemplação? Mas, mesmo que todas as pessoas quisessem contemplar a razão, ela pode se dedicar a cada uma delas e, já que não há nada de mais poderoso do que a razão __ e, por isso mesmo, não há nada de mais imutável __ uma alma que não está mais unida a ela não pode ser mais poderosa do que aquela que está unida a ela. Só nos resta então examinar se é a própria razão que repele a alma ou se é a alma que se separa voluntariamente da razão. Mas, não há nada na natureza da razão que se pareça com o ciúme e que possa levá-la a privar uma alma de desfrutá-la. Além do mais, quanto mais ela tem o ser, mais ela o comunica a

quem está unido a ela; o que é o contrário da morte. Não seria muito absurdo dizer que a alma se separa voluntariamente da razão, se é que pode haver separação para seres que não estão contidos em um lugar. Pode-se aplicar esta resposta às objeções precedentes, às quais apresentamos outros argumentos.

O que concluir de tudo isto? Já podemos estabelecer que a alma é imortal ou então ela pode ser aniquilada, embora não possa ser separada da razão? Mas, se essa força da razão age sobre a alma que está unida a ela e é impossível que ela não aja sobre ela, disso resulta certamente que ela lhe comunica o ser. Pois o ser pertence sobretudo à razão, onde se revela ao mesmo tempo a maior imutabilidade. Assim, ela o força, de alguma forma, à existência da alma sobre a qual ela age por ela mesma. A alma não pode, portanto, ser aniquilada, a menos que seja separada da razão. Mas ela não pode ser separada dela, como acabamos de provar. Ela não pode, portanto, perecer.

Capítulo 12

Mas, dirão, a alma não pode se afastar da razão, o que leva à loucura, sem perder seu ser. Com efeito, se a alma tem mais ser quando está ligada à razão, pois então ela está unida à imutável Verdade, que também é o Ser soberano e primordial, ela perde proporcionalmente seu ser quando se afasta da razão, o que é o enfraquecimento. Ora, todo

enfraquecimento tende ao nada e não podemos definir melhor a morte do que dizer que isso acontece quando o que era algo se torna nada. Assim, tender ao nada é tender à morte. E como dizer que a alma não é um sujeito, já que ela está sujeita ao enfraquecimento?

Concorda-se aqui com quase tudo, mas, nega-se que o que tende ao nada deva necessariamente chegar a ele, ou seja, ser aniquilado. Pode-se observar isto no próprio corpo. De fato, cada corpo é uma parte do mundo sensível. Quanto maior é o corpo, mais ele ocupa espaço e mais também ele se aproxima da grandeza do todo. E quanto mais ele se aproxima dessa grandeza, mais ele tem ser, pois o todo tem mais ser do que sua parte. Pela razão contrária, ele deve ser menor quando ele diminui e quando ele diminui, ele sofre um enfraquecimento. Ora, ele diminui quando lhe retiram qualquer coisa e assim ele tende ao nada. Mas nenhuma retirada o conduz a ele, pois o que resta ainda é um corpo e, por mais pequeno que ele seja, ele ocupa um lugar no espaço, o que não poderia acontecer se ele ainda não tivesse partes suscetíveis de novas divisões. Diminuindo-o ao infinito, ele pode então ser infinitamente diminuído, experimentar assim retiradas e tender ao nada, embora ele esteja na impossibilidade de chegar a ele.

Pode-se dizer isso para qualquer espaço e grandeza que seja. De fato, tomando, por exemplo, a metade de uma determinada grandeza e sempre a metade do que resta, a quantidade vai sempre diminuindo e

tender, por assim dizer, a um fim ao qual ela não pode chegar de nenhuma maneira. O aniquilamento é ainda algo que a alma menos deve temer, pois ela é muito melhor e mais viva do que o corpo, pois é ela que lhe dá a vida.

Capítulo 13

Não é a quantidade que constitui o corpo, mas a forma. Esta afirmação é apoiada em razões inatacáveis, pois, quanto mais um corpo tem forma e beleza, melhor corpo ele é; e pior, quanto mais repugnante e disforme ele é. E seu defeito não é produzido pela divisão da matéria, da qual falamos suficientemente, mas pela perda da forma, que constitui sua natureza.

É preciso pesquisar, discutir com cuidado esta última proposição e afastar a ideia de que a alma possa se aniquilar. Já que a alma é como que privada de uma parte de sua forma, quando ela cai na loucura, poder-se-ia acreditar que essa privação pode chegar até a privar absolutamente a alma de qualquer forma e conduzi-la por isso ao nada e à morte. Ora, se nós conseguirmos demonstrar que isso não pode acontecer, mesmo ao corpo e que o corpo não pode ser privado da forma que o constitui como corpo, será que não será obrigatório concordar conosco que, com muito mais razão ainda, a alma não poderia ser privada da

forma que a faz alma? Pois, quem se conhece sabe muito bem que alma é muito mais importante do que o corpo, qualquer que ele seja.

Capítulo 14

Comecemos por lembrar o princípio que diz que nenhum ser produz e gera a si mesmo, pois ele seria antes um ser, o que é absurdo e mostra a verdade do princípio. Acrescentemos que o que existe sem ter sido feito e nem criado é, necessariamente, eterno. Atribuir a um corpo, qualquer que ele seja, uma natureza e uma excelência assim, é cair em um erro grosseiro.

Mas, por que combater este erro? Se for atribuída ao corpo uma natureza assim, com mais forte razão ainda, não se é obrigado a atribuí-la à alma? Se um corpo qualquer for eterno, não há uma alma que não seja eterna, pois qualquer alma é muito mais importante do que qualquer corpo que seja e os seres eternos são mais importantes do que aqueles que não o são.

Mas, se o corpo foi criado, como é certo, ele foi criado por um ser preexistente e que não era inferior a ele, pois, não fosse assim, ele não teria tido poder para fazer o que ele é. E isso foi, no entanto, o que ele fez. Nem mesmo bastaria que o autor do corpo fosse igual a ele, pois o artesão deve sempre estar acima do que ele faz, embora o pai não esteja, necessariamente, acima do filho que ele gera. Assim, o mundo dos cor-

pos foi produzido por uma natureza incorpórea, mais poderosa e melhor do que ele. De fato, se o corpo tivesse sido criado pelo corpo, a universalidade dos corpos não poderia ter sido produzida, já que nada pode produzir a si mesmo, como dissemos com a mais incontestável verdade, ao colocar as premissas deste raciocínio.

Ora, essa força, essa natureza incorpórea, que criou a universalidade dos corpos, a governa com seu poder e se faz sentir em todos os lugares. Ela não criou para se retirar e para abandonar sua obra. Essa substância, que não é corpórea, não se move localmente __ se é que eu posso falar assim __ e não pode ser separada das naturezas que ocupam o espaço. Essa força, essencialmente ativa, não pode deixar de conservar o que ela criou e nem permitir que nenhum ser seja privado da forma que o faz ser o que ele é. Pois o que não existe por si mesmo perderá, certamente, sua existência, se for abandonado pelo ser que o criou. Não podemos dizer que o corpo recebeu com a existência o poder de se bastar caso fosse abandonado pelo seu criador.

Capítulo 15

No entanto, se o corpo tivesse esse poder, a alma o possuiria, com mai forte razão ainda, já que, evidentemente, ele é mais importante do que os corpos. E, se fosse possível que ela vivesse por ela mesma, poderíamos estabelecer imediatamente sua imortalidade, pois tudo o que

existe por si mesmo é, necessariamente, incorruptível e, por consequência, isento da morte; considerando que nada abandona a si mesmo.

Mas nada é mais evidente do que a mutabilidade do corpo, o que indica suficientemente o movimento universal que reina no mundo corpóreo. Assim, ao examinar a natureza física __ com todo o cuidado possível e na medida em que se pode estudar tal natureza __ reconhece-se que ela está submetida a movimentos regulares que imitam, de alguma forma, a imutabilidade. Pelo contrário, o que existe por si mesmo não tem nenhuma necessidade desse movimento, já que ele encontra nele mesmo tudo o que ele deseja e que todo movimento é a busca de um objeto estranho do qual precisa.

Existe então, para todo corpo, uma forma que lhe foi dada e que é conservada por essa natureza superior que a criou. Assim, a mudança não impede o corpo de permanecer corpo. Ela o faz passar de uma forma para outra, através de um movimento bem regular. Pois nada é reduzido ao nada e essa força criadora mantém tudo com um poder que não se cansa, não se enfraquece e conserva no ser todo o ser que ela lhe deu.

Por consequência, ninguém deve ser tão racional para não ver como certo que a alma é superior ao corpo e para não reconhecer que este princípio, uma vez admitido, a alma não pode deixar de ser alma, já que o corpo não pode deixar de ser corpo. Mas, se a alma não pode dei-

xar de ser alma e não pode existir sem estar viva, está claro que ela é imortal.

Capítulo 16

Pode-se argumentar que, se a alma não tem que temer a morte que é o término da existência, ela deve temer a morte que é a privação da vida. Mas, que se preste atenção ao fato de que nada é privado do que lhe constitui. Ora, a alma é uma espécie de vida. Assim, tudo o que é animado é vivo e todo ser inanimado, quando é capaz de ser animado, é considerado como morto, ou seja, privado de vida. A alma não pode, portanto, morrer, pois, se ela pudesse ser privada de vida, ela não seria mais uma alma, mas alguma coisa animada.

Esta suposição é absurda. Deve-se temer menos este tipo de morte para a alma, quanto menos se tem que temer pela vida. Pois, se for a alma que morre, quando a vida a abandona, é muito melhor considerar a alma como sendo essa própria vida que a deixa. Não é então a alma que abandona a vida, mas é a vida que a abandona. Com efeito, quando se diz que um ser está privado da vida ou que está morto, entende-se que ele está privado da alma. Ora, sendo a alma essa vida que abandona o que morre e ela não podendo abandonar a ela mesma, segue-se que a alma não morre.

Capítulo 17

Devemos admitir, como alguns pensaram, que a vida não passa de uma certa harmonia do corpo? Esta opinião jamais teria surgido se as verdades soberanas e imutáveis tivessem sido consideradas com um espírito purificado e livre das impressões sensoriais. Quem não sentiu __ ao estudar com cuidado __ que compreendia bem melhor uma verdade, quando tinha conseguido separar e afastar a atenção mental das impressões do corpo? Isto não aconteceria se a alma fosse apenas a harmonia do corpo.

Uma coisa que não tivesse uma natureza própria e não fosse uma substância, mas existisse inseparavelmente no corpo, como a cor e a forma, não precisaria se livrar desse mesmo corpo para perceber as verdades inteligíveis. Quanto mais ela se separasse desse corpo, menos ela seria capaz de perceber essas verdades e de se aperfeiçoar através desse conhecimento. Nunca a forma, a cor o a própria harmonia desse corpo __ que consiste numa mistura dos quatro elementos que o constituem__ podem se separar do sujeito ao qual elas estão unidas inseparavelmente.

Além disso, as verdades que a alma concebe, quando ela se ergue acima do corpo, não são corpóreas. No entanto, elas existem e existem em grau supremo, pois elas existem sempre da mesma maneira.

Não seria um grande absurdo afirmar que o que nós vemos existe e o que nossa inteligência percebe não existe, já que é preciso ser insen-

sato para duvidar que a inteligência seja infinitamente preferível aos olhos?

Ora, quando a alma contempla esses seres que são sempre os mesmos, ela mostra bem que ela está unida a eles não localmente, mas através de um laço maravilhoso e propriamente incorpóreo. De fato, eles estão nela ou ela está neles. Tanto em um caso como no outro, um existe no outro como em seu sujeito ou cada um é uma substância. Se for admitida a primeira suposição, a alma não está no corpo como em um sujeito, como a cor e a forma, pois ela é propriamente uma substância ou ela existe em outra substância diferente do corpo, como em um sujeito. Se for verdadeira a segunda suposição, a alma não está no corpo como a cor está em um sujeito, pois ela é uma substância. Pelo contrário, a harmonia do corpo está no corpo, assim como a cor. A alma não é, no entanto, a harmonia do corpo, mas a vida. Portanto, já que nada abandona a si mesmo e morrer é ser abandonado pela vida, a alma não pode morrer.

Capítulo 18

Repitamos que se há alguma coisa a temer é que a alma pereça por enfraquecimento, ou seja, que ela seja privada de sua forma essencial.

Eu penso que já tratamos o suficiente desta questão e mostramos, através de provas precisas, o quanto a coisa é impossível. No entanto, é bom observar ainda que esse medo só está fundamentado na necessidade de dizer que a alma dos insensatos experimenta um tipo de enfraquecimento e a do sábio é de uma natureza mais firme e mais completa.

Mas se __ como ninguém duvida __ a alma é tão mais sábia quanto mais ela contempla a verdade imutável e permanece invariavelmente unida a ela através do amor divino; se, além disso, tudo o que existe, em qualquer grau que seja, vem dessa natureza suprema, que é o ser soberano; então, ou a alma lhe deve tudo o que ela é ou ela existe por ela mesma.

Se ela existe por ela mesma, como ela é a causa de sua existência e ela não se abandona, ela não pode perecer, como demonstramos acima. Se ela vem dessa natureza, é preciso examinar com cuidado o que pode lhe ser contrário, a ponto de lhe retirar o ser que lhe dá essa mesma natureza superior.

O que é então que lhe pode ser contrário? É a falsidade, já que seu princípio é a verdade? Mas, não sabemos até que ponto a falsidade pode arruinar a alma? Ela pode fazer outra coisa que não seja enganá-la? Ora, ninguém pode ser enganado se não existe. A falsidade não pode, portanto, aniquilar a alma. E se o que é oposto à verdade não pode retirar da alma a existência que a verdade lhe deu, já que a verdade é invencível,

quem então será capaz de privá-la dela então? Nada, sem dúvida, pois nada é mais capaz do que o contrário, para destruir o efeito produzido pelo seu contrário.

Capítulo 19

Procuremos então o que é contrário à verdade, não somente enquanto verdade, mas enquanto ser soberano e imutável. Na verdade, no fundo é uma coisa só, pois chamamos de verdade o que faz com que todas as coisas, quaisquer que elas sejam, sejam verdadeiras e as coisas só o são na medida em que são verdadeiras. No entanto, eu não deixo de examinar este novo ponto de vista, que me é ainda mais favorável.

De fato, se alguma essência, na medida em que é essência, não tem nada que lhe seja contrária, quanto mais essa primeira essência que chamamos de verdade não deve ter nada que lhe seja contrária, na medida em que é essência.

Ora, o ser é a primeira verdade, pois toda essência só é uma essência por que tem o ser. Mas o ser só tem de contrário o não-ser. Não há, portanto, nada de contrário à essência; consequentemente, nada de oposto, sob nenhuma forma a essa substância, que é, ao mesmo tempo, o ser soberano e primordial. E, se a alma recebeu dela o que a constitui (não existindo por ela mesma, ela só pode tê-lo recebido dessa substância, que é muito melhor do que ela mesma), nada pode fazê-la perder o

que recebeu, por que nada é contrário ao ser de quem ela recebeu. Por isso, ela não pode deixar de existir.

Sem dúvida que ela pode perder, ao se afastar de seu princípio, a sabedoria que ela possui permanecendo unida a ele, pois o afastamento é contrário à união. Mas, o que ela recebeu do próprio ser, a quem nada é contrário, nada pode fazer com que ela perca. A alma não pode, portanto, perecer.

Capítulo 20

Talvez se levante aqui a questão de saber se também é impossível para a alma de deteriorar em sua natureza, como é perecer. Pois, poder-se-ia ser levado a pensar, não sem nenhuma razão, que nossos argumentos estabelecem a impossibilidade para a alma de chegar ao nada, mas não talvez a impossibilidade de se tornar um corpo. Se, de fato, o que era antes uma alma se tornasse um corpo, a alma não seria por isso aniquilada.

Ora, isso não pode acontecer sem que a própria alma o queira ou sem que ela seja forçada por algo. Não se pode concluir, no entanto, que, para se tornar um corpo, basta que a alma o deseje ou que ela seja forçada a isso. A única consequência que se pode tirar disso é que, se a alma se torna corpo, é preciso que ela o queira ou que ela seja forçada a isso, mas não que ela faz isso se ela quiser ou que seja forçada a isso.

Todavia, ela não o quererá jamais. De fato, toda sua inclinação para o corpo não tem outro objetivo que não seja se unir a ele ou de fazê-lo viver ou de instruí-lo de alguma maneira ou de prover suas necessidades. Ora, ela não pode fazer nenhuma dessas coisas, se ela não for superior ao corpo. Se ela se tornar um corpo, consequentemente, ela não será melhor do que ele. Ela não pode, portanto, querer se tornar um corpo.

Nada prova melhor a verdade desta proposição do que o que se passa quando a alma interroga a ela mesma. Então, ela percebe que não tem outro desejo que não seja agir, saber, sentir, no mínimo viver, na medida em que isso esteja em seu poder.

Capítulo 21

Se a alma fosse forçada a se tornar corpo, pelo que ela seria forçada a isso? Pouco importa o que seja, mas seria preciso um ser mais poderoso do que ela. Ela não pode, portanto, ser forçada a isso pelo corpo, pois um corpo nunca é mais poderoso do que uma alma. Quanto a uma alma mais poderosa, ela só poder forçar o que está submetido ao seu poder e uma alma só fica submetida ao poder de outra alma através das paixões. Essa alma mais poderosa só tem, portanto, poder, na medida em que permitem as paixões da alma sobre quem ela exerce seu poder.

Já dissemos que a alma não pode desejar se tornar um corpo. Podemos acrescentar que ela não pode conseguir a realização de seus desejos, perdendo todos esses desejos. Ora, ela os perderia, ao se tornar corpo. Ora, ela só pode, portanto, ser forçada a essa mudança, pelo ser que só tem poder na medida em que lhe dá as paixões que lhe propiciam a subordinação dela. Aliás, toda alma que tem autoridade sobre outra alma, deve, necessariamente, desejar mais comandar a ela do que ao corpo. Seja por querer protegê-la com sua bondade ou para tiranizá-la com sua malícia. Ela não pode, portanto, querer que essa alma se torne corpo.

Capítulo 22

Por fim, a alma que exerce esse poder está unida a um corpo ou está privada de um corpo. Se ela está privada de um corpo, ela não está neste mundo. Ela é um espírito puro, soberanamente bom e não pode querer para outra uma mudança tão vergonhosa.

Se ela está unida a um corpo, o ser sobre o qual ela exerce seu poder está também unido a um corpo ou não está. Se ela não está unida a um corpo, outra não pode forçá-la a nada, pois aquele que está no mais alto nível dos seres não tem ninguém acima dele. Mas, se ela está unida a um corpo, será, portanto, através do corpo que ela será forçada por um ser igualmente unido a um corpo. E quem poderá duvidar que o

corpo não pode, de nenhuma maneira, produzir na alma uma mudança tão grande? Ele seria então mais poderoso do que a alma.

Aliás, como dissemos acima, quando um ser é forçado pelo corpo, isso não acontece exatamente pelo corpo, mas pelas suas próprias paixões, que o arrastam a isso. Ora, como é do conhecimento de todos, somente Deus está acima da alma racional. Mas Deus cuida dos interesses da alma e não pode querer forçá-la a se tornar corpo.

Capítulo 23

Se então, a alma não é exposta a essa mudança por sua própria vontade e nem por nenhuma força estranha, como isso poderia acontecer?

Como o sono se apodera geralmente de nós sem nosso controle, devemos temer que, num desfalecimento desses, a alma seja transformada em corpo? Mas, se nossos membros perdem seu vigor no sono, nele a alma se torna mais fraca, em alguma medida? Ela não experimenta nesse estado a ação dos objetos sensíveis, por que a ação do sono, qualquer que seja ela, vem do corpo e opera sobre o corpo. Ela entorpece e fecha, de alguma forma, os sentidos corpóreos e cede com prazer a essa mudança no estado do corpo, pois essa mudança está conforme com a natureza e repousa o corpo de suas fadigas. Mas isso não retira da alma a capacidade de sentir e nem o poder de compreender. De fato, ela

tem à sua disposição as imagens das coisas sensíveis e essas imagens são tão verossímeis que não se pode, neste estado, distingui-los dos próprios objetos que eles representam. E se a alma compreende então, o que ela compreende é tão verdadeiro na vigília quanto no sono.

Suponhamos, por exemplo, que ela desejou debater durante o sono e, seguindo argumentos sólidos nesse debate, tenha aprendido alguma coisa. Essas mesmas verdades permanecem imutáveis quando ela despertar, embora o resto seja falso. Como o lugar onde aconteceu o debate, a pessoa com quem ela debateu, o som das próprias palavras que ela utilizou para expressar suas ideias e todas as outras coisas do gênero que são percebidas pelos sentidos e empregadas pelas pessoas despertas, mas que só têm uma existência transitória e não estão sempre presentes, como as verdades eternas.

É preciso então concluir que a mudança produzida no corpo pelo sono suspende as funções do corpo, mas não pode diminuir a vida própria da alma.

Capítulo 24

Por fim, se a alma não está unida fisicamente ao corpo, que ocupa um lugar qualquer, ela recebe antes do corpo e mais do que o corpo, a impressão das verdades soberanas e eternas que sobrevivem de uma maneira imutável e que não estão contidas em nenhum lugar.

De fato, ela é tocada por essas verdades logo que se aproxima delas e, pela mesma razão, de uma forma tão intensa quanto mais superior é sua natureza com relação ao corpo.

Entendamos que essa aproximação não é uma aproximação física, mas de ordem natural. Por essa ordem, deve-se entender que a Essência Suprema concedeu, por meio da alma, a forma com que cada corpo é dotado. Então, o corpo sobrevive através da alma e mantém seu ser através daquilo mesmo que o anima; seja universalmente, como o mundo; seja particularmente, como todo animal no mundo. Segue-se então que a alma só pode se tornar corpo pela ação da alma.

Mas isso não acontece. A alma, conservando o que a constitui em alma, o corpo sobrevive através dela. Ela lhe dá a forma e não a retira. Ela não pode, portanto, ser transformada em corpo.

De fato, se ela não dá ao corpo a forma que ela recebeu do soberano bem, ela não serve para formar o corpo e se ela não o forma, ou o corpo não existe ou então ele recebe sua forma tão imediatamente quanto a alma, que ele seria do mesmo nível que ela. Na verdade, a diferença e a supremacia da alma vêm do fato de que ela recebe imediatamente de Deus. O corpo também receberia imediatamente, se ele não recebesse através da alma, já que ele receberia sem intermediário. Entre a soberana vida __ ou seja, a sabedoria, a imutável verdade __ e o último dos seres vivos, ou seja, o corpo, só encontramos a alma que lhe dá a vida.

A alma, ao dar ao corpo a forma que o torna este ou aquele corpo, não perde a sua forma. Ora, ela a perderia, se ela se transformasse em corpo. A alma não se torna, portanto, corpo.

Ela não se torna corpo por ela mesma, já que, se ela não sobrevive, ela não pode por ela mesma se transformar em corpo. Ela não se transforma em corpo por outra alma, já que o corpo recebe da alma o ser ao receber a forma. Se a alma se convertesse em corpo, seria perdendo sua forma.

Capítulo 25

Pode-se dizer também que a alma racional não pode ser transformada em alma ou vida privada de razão. De fato, se esta última não estivesse submetida, como inferior, à alma racional, ela receberia, como ela, sua forma, imediatamente de Deus e seria semelhante a ela. Mas, de acordo com a ordem natural, os seres superiores dão a forma que eles receberam da soberana beleza às naturezas inferiores e, ao dá-las, eles não a perdem. E, se as naturezas inferiores possuem um ser qualquer, é unicamente por que esse ser vem das naturezas mais poderosas e essas naturezas mais poderosas são também as melhores.

Essa excelência não é do mesmo gênero que a superioridade de uma grande massa sobre uma massa menor, mas, sem a extensão de

nenhuma grandeza física e sob uma mesma aparência, essas naturezas mais poderosas são as melhores.

Desta forma, a alma é melhor e mais poderosa do que o corpo e, já que, como dissemos, o corpo existe através dela, ela não pode, de nenhuma maneira, ser transformada em corpo.

De fato, qualquer corpo só existe quando recebe uma forma da alma. Ora, para se tornar um corpo, seria preciso que a alma não recebesse uma forma, mas que a perdesse. É por isso que essa mudança não pode acontecer, a menos que a alma fosse contida em um lugar e unida fisicamente a um corpo, pois, não fosse assim, poder-se-ia supor que uma massa maior pode ser forçada, mesmo sendo melhor, a assumir uma forma inferior dessa massa, como uma grande quantidade de ar extingue um foguinho, transformando-o em sua natureza inferior de ar. Mas não é assim que acontece.

Toda massa que ocupa um lugar não está inteira em cada uma de suas partes, mas somente em seu conjunto. Assim, uma parte está aqui e outra acolá. A alma, pelo contrário, está inteira presente, não apenas na massa do corpo, mas também em cada uma de suas partes. Ela está inteira na sensação de dor que o corpo experimenta em um só de seus órgãos. O pé sofre? O olho vê, a língua fala, a mão se mexe? Isso não aconteceria se a mesma alma, que está nas outras partes, não sentisse também no pé e ela não poderia sentir o que se passa ali, se ela não esti-

vesse presente ali. Não é crível que ela seja informada por um enviado sobre o que ela não sente. A dor que se sente não se estende a todo o corpo para ser comunicada a todas as partes da alma. A alma inteira sente a dor que se manifesta em uma parte do pé e ela só a sente onde está essa dor. A alma está, portanto, inteira em cada parte, já que ela inteira sente em cada uma delas.

No entanto, ela não está presente inteira da mesma como a brancura ou qualquer outra qualidade deste gênero está inteira em cada parte do corpo. Pois, se o corpo experimenta em alguma de suas partes uma mudança na brancura, essa mudança pode não afetar em nada a brancura das outras partes. Desta forma, essa brancura é separada dela mesma, quando são separadas entre elas as partes do corpo sobre o qual ela repousa, enquanto que não acontece assim com a alma, quando ela experimenta a sensação que acabamos de mencionar.

Créditos

De immortalitate animae

© 387 Aurelius Augustinus Hipponensis
© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Tradução de Souza Campos, E. L. de

Traduzido de *De l'imortalité de l'âme*. Traduzido por *M. l'abbé Raulx* In *Œuvres Complètes de Saint Augustin*. Traduites pour la première fois en français, sous la direction de M. Raulx, Bar-Le-Duc, L. Guérins & Cie éditeurs, 1864.

Cotejado com *La immortalidad Del alma*
Tradutor: Lope Cilleruelo, OSA

E com *Sant'Agostino – L'immortalitá dell'anima*

Conteúdo

A imortalidade da alma 2
Introdução 2
1 2
2 3
3 4
Capítulo 1 5
Capítulo 2 6
Capítulo 3 7
Capítulo 4 10
Capítulo 5 11
Capítulo 6 12
Capítulo 7 13
Capítulo 8 14
Capítulo 9 15
Capítulo 10 16
Capítulo 11 17
Capítulo 12 19
Capítulo 13 21
Capítulo 14 22
Capítulo 15 23
Capítulo 16 25
Capítulo 17 26
Capítulo 18 27
Capítulo 19 29
Capítulo 20 30
Capítulo 21 31
Capítulo 22 32
Capítulo 23 33
Capítulo 24 34
Capítulo 25 36
Créditos 39
Conteúdo 40